



A INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS ATRAVÉS DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: UM RELATO SOBRE A EXPERIÊNCIA NAS DISCIPLINAS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA.

Maria de Fátima Medeiros Dantas; Suze Fernandes Costa.

Escola Estadual Professora Judith Bezerra de Melo, eejbezerra@rn.gov.br

Introdução

O percurso realizado por educadores com o objetivo de estabelecer um modelo educacional que suprisse as demandas educativas, dos diversos grupos com direito a escolarização, foi traçado a partir de diálogos e principalmente de lutas. Várias leis foram criadas buscando tratar das questões relacionadas à educação dos surdos. Com o advento normativo, eles puderam ter seus direitos linguísticos assegurados através de políticas públicas que visam a promoção e garantia ao acesso desses sujeitos nos espaços escolares.

No entanto, muito do que se vê de inclusão para surdos, na maioria das escolas, restringe-se à mediação dos intérpretes de LIBRAS, traduzindo aulas, nos espaços que contam com estes profissionais. As ações inclusivistas acabam ocorrendo em partes e isso é fruto tanto do despreparo da maioria dos profissionais envolvidos quanto da ausência do estado em conhecer os grupos que necessitam de atendimentos educacionais especializados em suas particularidades.

Para tornar-se inclusiva, a escola precisa formar seus professores e equipe de gestão, e rever as formas de interação vigentes entre todos os segmentos que a compõem e que nela interferem. Precisa realimentar sua estrutura, organização, projeto político-pedagógico, recursos didáticos, práticas avaliativas, metodologias e estratégias de ensino, bem como suas práticas avaliativas. (GLAT, 2009, p. 16)

As leis que tratam da inclusão dos estudantes surdos, propõe por exemplo que os professores tenham uma formação básica na LIBRAS desde a sua graduação. No entanto, o que se vê, nas universidades e faculdades é somente uma disciplina ofertada aos graduandos das licenciaturas e pedagogia. O decreto 5626/2005 fala sobre a formação necessária dos professores para atuar junto aos estudantes surdos.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia

(83) 3321-3221
contato@cintedi.com.br



e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto. (BRASIL, 2005)

Por fim, concluímos que embora existam leis abordando os principais temas referentes à educação dos surdos, na maioria das vezes, eles são incompletos ou não acontecem da maneira como deveria ser. Por conseguinte, o caminho para se chegar a uma real inclusão permanece longo e cheio de espinhos, necessitando de mais atenção por parte de toda a sociedade.

Desse modo, este trabalho tem por objetivo demonstrar algumas atividades desenvolvidas, com o intuito de promover a inclusão de estudantes surdos, em uma escola da rede estadual do Rio Grande do Norte. Nele apresentamos algumas ações desenvolvidas nas disciplinas de Ciências e Biologia através da parceria entre a professora titular das referidas disciplinas com a professora de LIBRAS da Escola Estadual Professora Judith Bezerra de Melo, situada na cidade de Natal - Rio Grande do Norte.

Metodologia

Pensando nas dificuldades vivenciadas pelos estudantes surdos, ao longo dos anos, na Escola Professora Judith Bezerra de Melo, algumas ações vêm sendo realizadas a fim de minimizá-las.

É importante ressaltar que as ações apresentadas neste trabalho, são parte de um trabalho experimental desenvolvido na escola pela professora de Biologia Suze Fernandes Costa e pela professora de LIBRAS Maria de Fátima Medeiros Dantas.

Visando superar as dificuldades descritas anteriormente, algumas ações conjuntas vêm sendo desenvolvidas na Escola Estadual Professora Judith Bezerra de Melo, dentro das disciplinas Ciências e Biologia. Dentre elas, podemos destacar as seguintes: Curso de LIBRAS para a docente Suze Fernandes Costa, adaptação das avaliações, adaptação de atividades, interpretação das aulas, tradução de conteúdos, aulas de LIBRAS para os estudantes.

As ações conjuntas iniciaram a partir das conversas sobre a aprendizagem dos estudantes surdos e como a professora poderia possibilitar aos seus alunos uma inclusão real. O primeiro passo para realizar esse objetivo, no caso dos surdos, foi de estabelecer uma comunicação com a docente sem, necessariamente, a mediação dos intérpretes. Pensando nisso, a professora de Ciências se propôs a aprender a LIBRAS no dia do seu planejamento, por uma hora aula, semanalmente.

Em seguida, veio a necessidade de que os surdos pudessem acessar os conteúdos a partir do seu maior canal de aprendizado, a visão. Por isso, a professora passou a pensar no uso de mais recursos visuais, além dos que já trabalhava. Os vídeos com janelas em LIBRAS, as imagens nos slides, a produção de materiais concretos em parceria com a professora de LIBRAS para algumas aulas, a disponibilização do programa anual para a professora de LIBRAS e as avaliações adaptadas.

Percebendo que os estudantes do 6º ano tinham muito interesse em aprender LIBRAS, a professora passou a ceder uma das suas quatro aulas semanais para que o curso de alfabetização em Língua Brasileira de Sinais pudesse ser estendido à turma.

Todas estas ações ocorrem semanalmente em horários e dias regulares, dentro do calendário escolar.

Resultados e Discussão

Sabemos que o processo de inclusão é amplo e necessita de continuidade, por isso, as atividades acima tornaram-se parte da rotina escolar nas disciplinas de Ciências e Biologia. Na adaptação das avaliações, damos oportunidades aos alunos surdos de compreender melhor os conteúdos exigidos na séries da mesma forma que aos ouvintes, levando em consideração a visualidade, característica predominante daqueles. Mesmo levando em consideração as diferenças sociolinguísticas entre surdos e ouvintes, ressaltamos que os conteúdos de ambas as provas (ouvintes e surdos) são os mesmos, havendo somente uma mudança na forma como eles são abordadas para cada público. Para tal, fazemos uso de alguns métodos: a inserção de imagens, a criação de textos visuais para facilitar a compreensão dos sujeitos surdos, o uso de palavras conhecidas, a redução dos enunciados e também da quantidade de assertivas.

A partir das rotinas de ações voltadas para a inclusão dos estudantes surdos, eles percebem o interesse dos profissionais da comunidade escolar com a sua aprendizagem, não somente com a sua integração, e isso melhora a sua autoestima e participação nas tarefas solicitadas, apresentações de trabalhos e seu desempenho como um todo.

[...] a inclusão é uma provocação, cuja intenção é melhorar a qualidade do ensino das escolas, atingindo todos os alunos que fracassam em suas salas de aula. A distinção entre integração e inclusão é um bom começo para esclarecermos o processo de transformação das escolas, de modo que possam acolher, indistintamente todos os alunos, nos diferentes níveis de ensino. (MANTOAN, 2004, p. 40)

Todo este movimento em prol da inclusão busca o envolvimento dos membros de toda a comunidade escolar, aumentando o interesse por questões sociais que ultrapassam a barreira linguística. Além do mais, fez a professora regente vencer o ensino oralista e planejar os conteúdos de modo a contemplar alunos ouvintes e surdos. Repensando sua prática profissional mesmo estando prestes a se aposentar.

Por fim, práticas como essas demonstram às famílias dos alunos surdos que a escola dos seus filhos está, realmente, empenhada com a aprendizagem dos mesmos.

Conclusões

Ao professor cabe a tarefa de compreender as dinâmicas existentes em sala de aula e buscar, através das suas ações, diminuir as distâncias entre os estudantes, comunicando-se e adaptando seus materiais, possibilitando, deste modo, uma melhor aprendizagem de suas aulas a todos os alunos.

A produção de materiais e o desenvolvimento de metodologias mais acessíveis ao público discente não é uma tarefa fácil, porém, se tratando da escola e sua clientela heterogênea, onde vários estudantes têm especificidades linguísticas, cabe ao professor essa nova função, de proporcionar acessibilidade a todos, sem distinção. Por conseguinte, o docente de LIBRAS,

nas escolas regulares, é necessário tendo em vista que ele é a ponte entre o professor titular e os estudantes surdos.

Por fim, reiteramos que estamos caminhando para estratégias visuais como metodologia de inclusão do aluno surdo na nossa escola. A tarefa não é fácil, a inclusão é uma construção diária e requer empenho dos profissionais envolvidos. Embora não possamos negar que avanços foram feitos, o caminho para a inclusão efetiva do aluno surdo ainda é longo e apresenta muitas barreiras, porém, é um processo gratificante à todos os que se propõem a fazer tal percurso.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005.

GLAT, Rosana (Org). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. 2ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O direito de ser sendo diferente**. Revista CEJ, Brasília, n. 26, p. 36-44, jul./set. 2004.

Parâmetros Curriculares Nacionais mais Ensino Médio- Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 14. Ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014.